

TENDÊNCIAS DO “ENVIRONMENTAL, SOCIAL AND GOVERNANCE” (ESG) NO MERCADO DE CAPITAIS BRASILEIRO: UM ESTUDO DE DUAS EMPRESAS DO SETOR FINANCEIRO INTEGRANTES DO ISE B3.

ANTÔNIO VICTOR FERREIRA SILVA

RAIMUNDA MARIA DA LUZ SILVA
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA

RODIVALDO BRITO DO ESPÍRITO SANTO

FABRÍCIO DO NASCIMENTO MOREIRA
UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA

Introdução

As tendências de Environmental, Social and Governance (ESG – ou ASG, em português: Ambiental, Social e Governança) indicam que a sustentabilidade é o desafio do século. Dela dependem não só os negócios, mas também a vida do planeta em todas as suas formas de manifestação. Os gestores empresariais têm em suas mãos o desafio de gerenciar as variáveis ambientais e encontrar soluções para os problemas com potencial de afetar os negócios das companhias. Portanto, esse trabalho procura responder quais as principais tendências em matéria de ESG e como isso reflete no ambiente de negócios aqui no Brasil

Problema de Pesquisa e Objetivo

Há interesse em saber: Quais as tendências de Environmental, Social and Governance (ESG) nas empresas do setor financeiro que participam do ISE B3? A pesquisa tem como objetivo geral analisar as tendências do Environmental, Social and Governance (ESG) no mercado de capitais brasileiro e seu reflexo nas empresas de capital aberto participantes do Índice de Sustentabilidade Empresarial da B3 (ISE B3).

Fundamentação Teórica

Discorre-se: o ESG Como Tendência No Mundo Corporativo. Depois a aplicação do Big Data e da Artificial Intelligence na Avaliação do Desempenho Corporativo das Ações Esg. no ISE B3 e a relação entre o ISE B3 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Metodologia

A investigação consiste em uma análise qualitativa fundamentada por dados coletados da base de dados SCOPUS. Também foram coletadas informações do ISE B3 e das divulgações de ESG das duas empresas analisadas, dispostas na plataforma ESG Workspace, disponibilizada pela bolsa brasileira.

Análise dos Resultados

Os resultados demonstraram como principal interesse dos pesquisadores, os estudos relacionados ao desempenho social das companhias, à contabilidade ambiental, à divulgação (disclosure) das ações ESG, por parte das companhias, ao valor de firma das companhias, e à materialização das teorias de agência e de stakeholders. Os dados ESG das duas companhias analisadas indicaram ser ambas ainda emergentes na execução das ações de Ambiental, Social e Governança.

Conclusão

As evidências auxiliam na compreensão de como as tendências em matéria de ESG se conectam com a inovação, tecnologia, eficiência, desempenho financeiro, ambiental e social nas camadas internas e externas relacionadas às empresas de capital aberto, em sua atividade de gestão de partes interessadas.

Referências Bibliográficas

B3, B., Bolsa e Balcão. A experiência do ISE B3 na Agenda 2030 e nos ODS., 2019b. Disponível em: . Acesso em: 4 abr. 2022 CASARIN, H. DE C. S.; BARBOSA DE PAULO, R. Uso seguro da informação: uma análise na base de dados SCOPUS. Palavra Chave, v. 9, no 2, abr. 2020.

Palavras Chave

ESG, Mercado de Capitais, Índice de Sustentabilidade Empresarial

TENDÊNCIAS DO “*ENVIROMENTAL, SOCIAL AND GOVERNANCE*” (ESG) NO MERCADO DE CAPITAIS BRASILEIRO: UM ESTUDO DE DUAS EMPRESAS DO SETOR FINANCEIRO INTEGRANTES DO ISE B3.

1. INTRODUÇÃO

O ambiente de negócios passa por um momento de transformação significativo. Desde a Revolução Industrial o mundo carece de iniciativas concretas capazes de corrigir as distorções do modelo insustentável do passado, as quais insistem em perdurar.

O avanço histórico da agenda global da sustentabilidade representa para as sociedades um sinal de esperança, considerando que as questões ambientais são catalisadas pelo estado de emergência climática em que se encontra o planeta.

Diante desse quadro, os negócios empresariais, juntamente com os governos locais e a sociedade civil, possuem um papel significativo tanto na esfera macro, quanto micro econômica, figurando como agentes promotores de sustentabilidade. Isso implica em organizações capazes de revolucionar os rumos da economia global, criando um ambiente propício, onde se promova impacto social e valor compartilhado na gestão das partes relacionadas.

As tendências de *Environmental, Social and Governance* (ESG – ou ASG, em português: Ambiental, Social e Governança) indicam que a sustentabilidade é o desafio do século. Dela dependem não só os negócios, mas também a vida do planeta em todas as suas formas de manifestação. Os gestores empresariais têm em suas mãos o desafio de gerenciar as variáveis ambientais e encontrar soluções para os problemas com potencial de afetar os negócios das companhias.

Em relação ao mercado de capitais, o desenvolvimento sustentável vem ganhando cada vez mais espaço, com reflexo na criação de índices de mercado que refletem o desempenho ESG das empresas participantes. Isso passou a se intensificar, segundo Modugu (2020), desde a crise financeira global de 2008, onde investidores institucionais e privados passaram a pesar na decisão de investimento, os aspectos ambientais, sociais e de governança das organizações, cabendo a estas a responsabilidade de reportarem informações fidedignas às partes interessadas.

O Índice de Sustentabilidade Empresarial da B3 (ISE B3) consiste em uma iniciativa pioneira no Brasil, o qual segue a tendência internacional de transformar o mercado de capitais em um ambiente propício para negócios cada vez mais sustentáveis.

Portanto, esse trabalho procura responder quais as principais tendências em matéria de ESG e como isso reflete no ambiente de negócios aqui no Brasil, apresentando um estudo de caso envolvendo duas empresas do setor financeiro, listadas e participantes do ISE da B3.

O tripé da sustentabilidade tal qual proposto por Elkington (1997) consiste em um dos maiores desafios do século XXI para empresas, governos e a sociedade civil. Conectar os negócios à agenda global do desenvolvimento sustentável representa para o mundo contemporâneo, a principal estratégia na busca por negócios de impacto social positivo, com capacidade para gerar valor compartilhado, tomando por referência, os princípios do “novo capitalismo” (NETO; PEREIRA; MORITZ, 2012).

Portanto há interesse em saber: Quais as tendências de *Environmental, Social and Governance* (ESG) nas empresas do setor financeiro que participam do ISE B3?

A pesquisa tem como objetivo geral analisar as tendências de *Environmental, Social and Governance* (ESG) no mercado de capitais brasileiro e seu reflexo nas empresas de capital aberto participantes do Índice de Sustentabilidade Empresarial da B3 (ISE B3).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O ESG Como Tendência No Mundo Corporativo

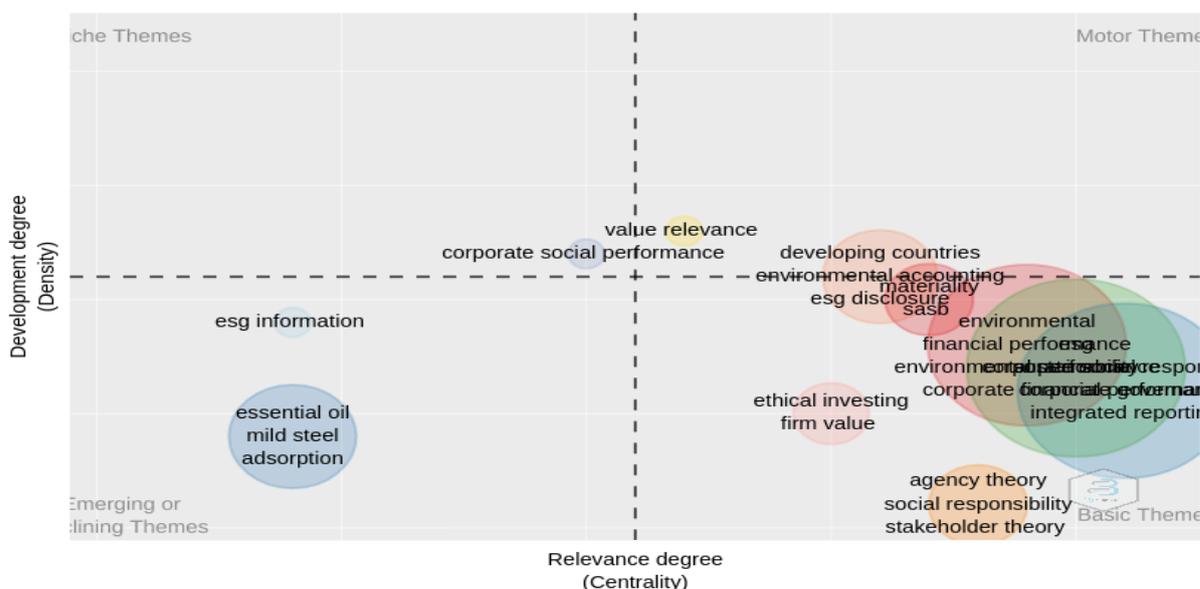
A sigla ESG (*Enviromental, Social and Governance*), pode ser traduzida livremente como ambiental, social e governança (ASG, em português). Esse tripé tem consistido em uma tendência no mundo corporativo (MODUGU, 2020) por significar uma resposta aos desafios contemporâneos da sustentabilidade, tal qual proposto por Elkington (1997) no modelo do *Triple Botton Line*.

Quando se trata de analisar o ambiente corporativo e os fatores que o influencia, pode-se afirmar que nos últimos anos, a severidade das crises financeiras de nível global, as implicações negativas do crescimento e do desenvolvimento, como apresentado pelo Relatório Brundtland, os efeitos das alterações climáticas e os escândalos corporativos ao redor do mundo têm despertado o interesse dos *stakeholders* na implementação do ESG nas companhias (FERRERO-FERRERO; FERNÁNDEZ-IZQUIERDO; MUÑOZ-TORRES, 2016).

Essa preocupação com o papel desempenhado pelas empresas na guarda dos princípios da sustentabilidade, tem se ampliado para além dos investidores, abrangendo outras partes interessadas (LOKUWADUGE; HEENETIGALA, 2017; MODUGU, 2020) como ONG's, formuladores de políticas públicas, consumidores, organizações de imprensa e a comunidade local (FERRERO-FERRERO; FERNÁNDEZ-IZQUIERDO; MUÑOZ-TORRES, 2016) , os *stakeholders* buscam encontrar nos relatórios das companhias, de forma implícita ou explícita as questões sobre suas operações e as consequências delas.

O estudo e debate sobre o fenômeno do ESG ainda está em desenvolvimento, mas tem despertado interesse de diversos pesquisadores internacionais, principalmente envolvendo temas como: desempenho social das companhias, contabilidade ambiental, a divulgação (*disclousure*) das ações de ESG por parte das empresas, o valor de firma e as teorias da agência e dos *stakeholders* (YU; GUO; LUU, 2018). O que pode ser observado na Figura 1, que ilustra o resultado da bibliometria acerca do tema:

Figura 1: Temas mais relevantes vinculados ao ESG.



Fonte: Elaboração própria.

Os defensores da divulgação das estratégias de ESG, sustentam que o *disclosure* sobre sustentabilidade potencializam a transparência, o valor de marca, a reputação e a legitimidade da companhia (MODUGU, 2020).

No campo da estratégia corporativa, a integração dos fatores ambientais, sociais e de governança (ESG) com a gestão das partes interessadas podem criar e manter valor, no que concerne a uma melhor percepção da por parte dos *stakeholders*, proporcionando, inclusive, melhores produtos e serviços (FERRERO-FERRERO; FERNÁNDEZ-IZQUIERDO; MUÑOZ-TORRES, 2016).

Modugu (2020) esclarece que o conceito de “Relatório de Sustentabilidade” encontra diferentes rótulos, mas que em nada altera o seu significado. Outras nomenclaturas incluem ‘Relatório de Responsabilidade Social’, ‘Relatório de Meio Ambiente’, ‘Relatório Social’, ‘Relatório ESG’, ‘*Triple Bottom Reporting*’ e ‘Contabilidade Verde’. Porém, na sua concepção, o ‘*Disclosure ESG*’ representa um esforço deliberado de reporte da estratégia de implementação ESG e realização dos objetivos da estratégia corporativa.

Lokuwaduge & Heenetigala (2017) sinalizam que existem várias teorias que explicam a motivação das companhias a realizarem divulgações de informações de ESG, as quais estão altamente relacionadas com o ambiente regulatório, padronização, legitimidade e a gestão das partes interessadas.

As autoras argumentam que existe uma certa pressão sobre os gestores em relação ao reporte das informações ESG para os *stakeholders*. Essa pressão, acaba por criar uma crise de legitimidade.

A Teoria da Legitimidade esclarece que a forma como as ações das companhias é percebida pelo sistema social de normas, valores e crenças, constituem fatores críticos para o sucesso de qualquer atividade. Isso ocorre porque uma empresa recebe da sociedade sua licença para operar, e, como tal, é responsável perante essa mesma sociedade, pela forma como a companhia opera e administra os recursos naturais que impactam na vida das comunidades. (LOKUWADUGE; HEENETIGALA, 2017; SHAKIL, 2021)

Caso esta legitimidade seja comprometida, através de um sentimento/percepção de que a firma rompeu com o contrato estabelecido com a sociedade, então a sobrevivência da companhia está ameaçada. A questão da legitimação é considerada estratégica, da qual depende a existência da organização.

Por outro lado, em acordo com o modelo de responsabilidade social, a Teoria dos *Stakeholders* estabelece que as companhias precisam desenvolver mecanismos de gestão de todos aqueles que possuem interesse no relacionamento corporativo, como por exemplo, fornecedores da cadeia de suprimentos, clientes, empregadores, governos e a sociedade em geral (LOKUWADUGE; HEENETIGALA, 2017).

Para Machado & Macedo et. al. (2012, p. 144)

A teoria dos *stakeholders* pode ser vista como aquela que preconiza a congruência entre os objetivos empresariais e socioambientais, já que eles estaria interligados [...] Além disso, na teoria dos *stakeholders* é assumida implicitamente a necessidade de existência de um equilíbrio nas ações de cunho socioambiental no cerne da empresa. Se uma empresa vai assumir uma postura socioambientalmente responsável, ela não pode se descuidar de sua atividade fim, não pode se esquecer de que necessita alcançar um nível mínimo de lucratividade, para assegurar a continuidade das operações.

Dessa forma, o relatório ESG precisa contemplar informações que alcancem o maior número de *stakeholders* possíveis e abranjam questões que estão além da preocupação econômica, mas que de certa maneira, podem afetar economicamente a organização. Por esse motivo, Lokuwaduge & Heenetigala (2017, p. 441) afirmam que:

Devido ao fato de que a tomada de decisão em sustentabilidade está intimamente ligada com as necessidades das partes interessadas, o conceito de relatório ESG está claramente conectado com a teoria das partes interessadas, que enfatiza que as organizações são obrigadas a atender as necessidades das partes interessadas dentro e fora da empresa.

Devido a existência de um número cada vez maior de acionistas em todo o mundo, preocupados com as questões ambientais e com o desempenho da gestão ambiental das empresas listadas no mercado de capitais, questões ambientais, sociais e os aspectos envolvendo a governança corporativa, passaram a ser consideradas como fator de decisão de investimento, significando para estas corporações, que adotam estratégias de Responsabilidade Social Corporativa (RSC), uma vantagem competitiva quando se trata de acessar recursos financeiros para o giro das operações (MIRALLES-QUIRÓS; MIRALLES-QUIRÓS; VALENTE GONÇALVES, 2018).

Apesar da importância do ESG para o mercado de capitais, esse assunto no Brasil ainda está em fase preliminar de discussão, não apresentando um número de produções científicas significativas para o debate sobre este assunto de interesse internacional. Fato este comprovado pela pesquisa bibliométrica realizada, a qual utilizou como fonte, a base de dados Scopus (Elsevier), conforme demonstra a Figura 2:

Figura 2: Mapa dos países com produção científica relevante sobre ESG



Fonte: Elaboração própria.

Quirós & Quirós et. al. (2018) ainda acrescentam que o estudo do impacto dos fatores ESG no valor de mercado das empresas, apontam para uma relação em nível mais amplo, entre aspectos ESG e a elevação do *rating* e dos múltiplos financeiros das companhias, já que tais organizações alcançam resultados positivos na estratégia corporativa em virtude do melhor desempenho ESG, fato este também relatado por Yu & Guo et. al. (2017).

Entretanto, Cuesta & Valor (2013, p. 221) chamam a atenção para as questões envolvendo a qualidade das informações disponibilizadas sobre o ESG das corporações. Para as autoras, a qualidade delas deve observar quatro critérios: “relevância (ou materialidade), comparabilidade, confiabilidade e acessibilidade”.

Seguindo este mesmo raciocínio, Modugu (2020) afirma que a divulgação ESG contribui para a minimização da assimetria de informação que existe entre os gerentes dos recursos e os proprietários dos recursos, portanto, diminuindo os problemas de agência e aumentando não só o desempenho, mas também o valor da empresa.

2.2 A Aplicação do Big Data e da Inteligência Artificial na Avaliação do Desempenho Corporativo das Ações Esg, no ISE B3.

Os avanços no campo das tecnologias da informação e a dinâmica dos novos negócios, têm produzido uma grande quantidade de dados. O *Big Data* consiste em um conjunto de dados relativamente amplo, os quais demandam ferramentas adequadas para o tratamento de um grande volume desses elementos, a fim de possibilitar a transformação desses dados em informações úteis, analisadas e aproveitadas em tempo hábil para a tomada de decisão, dentro e fora da organização. Enquanto que a Inteligência Artificial (IA) procura construir entidades inteligentes, consistindo em um dos campos mais recentes em ciências e engenharia (NORVIG, 2013).

No âmbito do ESG, questões relevantes acerca da compreensão do impacto das ações corporativas para o alcance de um modelo sustentável de negócios ainda representam um desafio conceitual acerca de como categorizar o que são ações práticas desejáveis ou não, e sobre o que efetivamente divulgar para os *stakeholders*. Pois conforme B3 (2019a, p. 4)...

[...] É problemático para analistas e provedores de informação ESG, que buscam apresentar informações significativas sobre o desempenho de sustentabilidade das empresas para seus públicos-alvo; e investidores e outros usuários de informações sobre o desempenho corporativo, dados que as divulgações e avaliações baseadas em diferentes padrões podem produzir *insights* não comparáveis entre empresas e setores.

Outros desafios apontados pelo estudo dizem respeito à lacuna de dados sobre aspectos envolvendo questões sociais e de Direitos Humanos, os quais nem sempre estão disponibilizadas, e quando estão, frequentemente se apresentam concentradas em políticas e objetivos corporativos, não refletindo o impacto em âmbito local (B3, 2019a).

Portanto, a aplicação do *Big Data* e da Inteligência Artificial podem contribuir para a redução de algumas dessas lacunas apresentadas, implicando na redução da carga sobre as empresas que publicam tais relatórios, abrindo espaço para uma coleta de informações mais confiáveis sobre as respectivas ações e impactos (B3, 2019a).

Os provedores de informações ESG têm uma abordagem similar em relação a Big Data e aos algoritmos que coletam e processam dados do maior número de fontes relevantes e confiáveis possível. Em média, uma empresa provedora de informações faz uma triagem de aproximadamente 30.000 fontes diariamente. Feito isso, as informações são limpas e estruturadas para análise (B3, 2019a, p. 15).

Segundo a B3 (2019) a maioria das empresas que fornecem informações ESG utilizam fontes similares combinando elementos como mídia online, materiais de pesquisa relacionadas com o tema – artigos acadêmicos, livros e congêneres – dados governamentais, relatórios produzidos por Organizações Não-Governamentais (ONG's) e dados oriundos de questionários autodeclaratórios.

Todas as empresas que divulgam relatórios de ESG costumam adotar a mesma estratégia no tratamento do grande e complexo conjunto de dados encontradas (triagem, captura, limpeza e estruturação dos dados para análise).

Porém, a forma como cada etapa é operacionalizada difere de empresa para empresa, o que pode resultar em produtos e informações diferentes, já que cada companhia possui seu próprio algoritmo de inteligência artificial. Os principais usuários dessas informações ESG são investidores e gerentes, que utilizam de tais insumos para orientarem suas estratégias de investimentos (B3, 2019).

No âmbito do planejamento acerca de quais dados efetivamente coletar, as companhias costumam elaborar *frameworks* para avaliá-los quantitativa e qualitativamente, no sentido de avaliar o que seja ou não relevante no entendimento dos riscos, políticas, desempenho e impactos ESG.

O Quadro (01) apresenta quais os *frameworks* desenvolvidos por outras entidades, mais utilizados pelas companhias brasileiras, com o objetivo de identificar o que coletar e como analisar as informações obtidas.

Quadro 01 - Principais *frameworks* utilizados pelas companhias no âmbito do ESG.

ENTIDADE RESPONSÁVEL	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS
Pacto Global das Nações Unidas (UNGC)	Consiste no referencial mais comum utilizado pelas empresas. Trata-se de uma estrutura de relatórios organizados com base em princípios focados em quatro temas principais: direitos humanos, trabalho, meio ambiente, e estratégias anticorrupção.
<i>Sustainability Accounting Standards Board (SASB)</i>	O SASB oferece um <i>framework</i> de relatórios que objetiva auxiliar as empresas no processo de identificar, gerenciar e relatar uma série de aspectos envolvendo a sustentabilidade corporativa que são relevantes para seus <i>stakeholders</i> .

Fonte: Elaboração própria, com base em B3 (2019, p. 17).

Tais organizações responsáveis por esses *frameworks* buscam o aperfeiçoamento constante dessas estruturas a fim de garantirem o padrão desejável de excelência nas questões de sustentabilidade e ESG emergentes da pesquisa/envolvimento com seus clientes.

Adicionalmente a esses *frameworks*, as companhias interessadas no reporte de informações ESG, as quais integram o ISE B3, costumam utilizar plataformas provedoras de informação, de nível avançado. A Tabela (02) indica algumas das principais, conforme evidenciado pelo relatório B3 (2019).

Quadro 02 - Principais plataformas provedoras de informações ESG.

PROVEDOR DE INFORMAÇÕES ESG	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS
Arabesque (S-ray)	Tem como principais clientes empresas e investidores. A empresa cobre cerca de 6.750 empresas, das quais 20% são de mercados emergentes e monitora diariamente dados disponibilizados publicamente em 15 idiomas oriundos de aproximadamente 50.000 fontes de notícias, as quais são sintetizadas por 250 métricas construídas a partir de informações não financeiras e relatos integrados. Por fim, a ferramenta fornece em uma escala de 0 a 100 uma avaliação de conformidade da empresa com base nos princípios do Pacto Global da ONU e outra análise setorial específica em questões ESG de relevância financeira.
Datamaran	Possui como principais clientes empresas, consultores, advogados, investidores/analistas, empresas de <i>private equity</i> , mídia e estudantes universitários. Essa plataforma concentra-se no gerenciamento de riscos não financeiros, monitorando dados públicos em língua inglesa inclusive de mídias regulatórias globais, mídias sociais, notícias online, pesquisas com <i>stakeholders</i> , relatórios corporativos, comunicados de imprensa, informações ao mercado, etc.
OWL Analytics	Seus principais clientes são grandes instituições financeiras, gestores de ativos e previdência. A plataforma ESG fornecida por essa empresa é focada na diminuição do grau de subjetividade na pontuação ESG. Para que isso seja possível, a ferramenta estabelece uma pontuação de inteligência coletiva obtida por meio de dados agregados e pontuações de várias fontes ESG. A OWL Analytics cobre cerca de 25.000 empresas, das quais 25% são de mercados emergentes, além de analisar dados públicos e privados de aproximadamente 400 fontes de pesquisa ESG.
	Utilizada principalmente por bancos, seguradoras, gestores de ativos, proprietários de ativos, empresas, departamentos de conformidade de empresas e instituições financeiras. A plataforma está focada em prover informações ESG para <i>due</i>

PROVEDOR DE INFORMAÇÕES ESG	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS
Rep Risk	<i>diligence</i> , gerenciamento de risco e <i>insights</i> sobre prevenção e mitigação de risco. A ferramenta monitora dados públicos disponíveis em 20 idiomas, de aproximadamente 80.000 fontes desde mídia impressa, online e redes sociais.
Truvalue (Insight360)	Seus principais utilizadores são investidores, instituições financeiras e corporações. A plataforma é focada no apoio à tomada de decisões das empresas de investimentos, cobrindo mais de 9.000 empresas. A Insight360 monitora diariamente dados originados de mais de 100.000 fontes em língua inglesa.

Fonte: Elaboração própria, com base em B3 (2019, p. 22-35).

A utilização da BDAI consiste em uma estratégia que alia tecnologia e capacidade de gestão analítica das informações geradas por diferentes plataformas, com o objetivo de melhorar a compreensão do desempenho e impacto ESG das companhias (B3, 2019a) o que auxilia investidores e demais *stakeholders* a moldar o desempenho futuro das empresas rumo a um mundo mais sustentável. Espera-se que a adoção desses *frameworks* e plataformas de monitoramento ESG por empresas integrantes do ISE B3 contribua para um mercado de capitais mais transparente, ético, socialmente justo e sustentável.

2.3 O ISE B3 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)

No âmbito das Organizações das Nações Unidas (ONU) os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) integram a Agenda 2030 e sinalizam para um compromisso global com a sustentabilidade e o desenvolvimento econômico por parte da integração entre governos, empresas e a sociedade civil organizada.

A Agenda 2030 consiste no resultado de um pacto histórico no âmbito do desenvolvimento sustentável mundial, cujo plano de ação está focado nos 5 ‘Ps’, que significa, respectivamente: as pessoas, o planeta, a prosperidade, a paz e a justiça. Dessa forma, além dos 17 ODS, a Agenda 2030 enfatiza a importância das empresas implementarem estratégias de sustentabilidade e fazerem a divulgação transparente do que está sendo realizado por elas (SILVA et al., 2021).

Buscando incorporar as metas e ações propostas pelos ODS às questões de sustentabilidade do mercado de capitais brasileiro, o ISE B3 “adotou um conjunto de diretrizes para que isso fosse feito de forma consistente, tanto com a abordagem sobre sustentabilidade empresarial incorporada em seu questionário, quanto com a Agenda 2030 (B3, 2019b, p. 09)”.

Para orientar o processo de conexão entre as ações de ESG implementadas nas empresas e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), o ISE B3 envidou esforços para que houvesse consistência tanto em relação aos aspectos de sustentabilidade empresarial, quanto com a Agenda 2030, no sentido de:

1. Manter e reforçar uma perspectiva sistêmica sobre a sustentabilidade empresarial;
2. Refletir a essência da Agenda 2030 e tratar os ODS não como lista de afazeres, mas como um conjunto integrado e interdependente dos objetivos rumo a essa agenda;
3. Posicionar a Agenda 2030 e os ODS como um tema estratégico para as empresas;
4. Focar especialmente em políticas e práticas, respeitando a metodologia atual do ISE B3;
5. Enfatizar a importância dos negócios para a consecução da Agenda 2030 e dos ODS (B3, 2019b, p. 09).

Apesar da questão do desenvolvimento sustentável ser uma categoria pactuada em nível global pelas nações envolvidas, colocar em prática as metas ousadas propostas pelos ODS requer esforço e comprometimento principalmente dos agentes públicos. Somente assim as empresas se sentirão de fato estimuladas a adotarem práticas sustentáveis em suas estratégias corporativas (PACASSA; MAZZIONI; MAGRO, 2021).

Por outro lado, os desafios relativos a essa mudança comportamental das companhias, só podem ser superados a partir de uma transformação profunda nas suas estruturas de governança e na cultura, já que as mesmas devem agir e comunicar suas estratégias aos *stakeholders* de forma coerente e comprometida, para só então, gerar as oportunidades tão esperadas no âmbito da vantagem competitiva (PACASSA; MAZZIONI; MAGRO, 2021; SCHIO et al., 2019; SILVA et al., 2021; VERONEZE et al., 2021).

Considerando esse aspecto é que Pacassa et. al. (2021, p.62) afirmam que “O alcance das metas da Agenda 2030 depende da forma como as empresas interpretam as oportunidades de crescimento, empreendedorismo e inovação trazidas pelo envolvimento com os ODS”. No caso do mercado de capitais brasileiro, algumas características determinam a evidenciação dos ODS nos relatórios de sustentabilidade das companhias, como por exemplo, empresas de maior porte com participação da empresa no ISE B3, baixa concentração acionária e existência de negócios no exterior (SCHIO et al., 2019; SILVA et al., 2021; VERONEZE et al., 2021).

Tomando como base essas questões essenciais, o ISE B3 organizou um referencial prático composto de quatro pilares, dispostos sinteticamente na Quadro 03:

Quadro 03 - Referencial básico da B3 sobre os quatro pilares

PILAR	EXPLICAÇÃO
01	Identificar as conexões entre o negócio e a Agenda 2030, mapeando os impactos negativos e positivos que os investimentos/atividades da companhia tem sobre cada um dos ODS. Caso essa etapa não seja criteriosamente observada, os efeitos esperados podem ser contrários aos anseios da companhia, podendo ser negativo, pelos resultados pouco consistentes e pela banalização da Agenda 2030 e consequente perda da credibilidade.
02	Considerar tanto a integração dos ODS entre si quanto a integração dos ODS com o negócio. No primeiro caso, trata-se de uma análise de <i>trade-off</i> e de sinergias das práticas e projetos de uma empresa ou investimento acerca dos ODS prioritários sem perder de vista o impacto sobre os demais. No segundo caso, trata-se da análise dos ODS focalizado no <i>core business</i> da empresa.
03	Considerar a escala e os avanços da organização rumo aos ODS e suas metas, já que a Agenda 2030 transpõe a urgência no processo de transformação e uma escala ambiciosa de alcance local, que se somem às estratégias em nível global.
04	“Não deixar ninguém para trás” - É o lema da Agenda 2030 que demanda uma compreensão acerca das implicações do negócio sobre questões de ordem social, inequidade de renda ou acesso a bens e serviços, a desigualdade entre gêneros, desrespeito aos direitos humanos e a proteção a grupos vulneráveis.

Fonte: Elaboração própria, com base em B3 (2019b, p. 10-11).

As questões atinentes à implementação dos ODS também precisam atender ao critério de materialidade para serem classificados como prioritários para as companhias. Isso é muito claro para estratégia do ISE B3, como aponta o relatório B3 (2019b, p. 15):

O conceito de materialidade, que tem papel central neste e em outros processos de gestão da sustentabilidade empresarial, tem sido objeto de intenso debate tanto nos meios acadêmicos como entre organizações voltadas à prática, responsáveis por iniciativas que influenciam fortemente a atuação das empresas. A razão desse debate é que, mesmo sendo esse um conceito tão central, ainda não há consenso sobre seu exato significado, havendo inclusive fóruns internacionais especificamente dedicados à busca desse consenso.

O Índice de Sustentabilidade Empresarial ISE B3 não se limita a refletir apenas o desempenho das ações sustentáveis, mas representa para o mercado de capitais um parâmetro direcionador para as estratégias que as empresas devem seguir em matéria de ESG (GUIMARÃES; ROVER; FERREIRA, 2018) , isso porque a questão dos ODS é vista pelas empresas transnacionais como uma oportunidade de inovação tecnológica e crescimento ambiental e social (PACASSA; MAZZIONI; MAGRO, 2021), a qual apresenta oportunidades

no enfrentamento aos desafios sistêmicos, principalmente aos relacionados às questões de geração de valor compartilhado junto a sociedade e ao meio ambiente (NETO; PEREIRA; MORITZ, 2012).

3 METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa busca “[...] explicar e descrever fenômenos naturais e humanos. O método científico estabelece um problema com precisão, realiza observações, interpreta-as segundo as relações verificadas e com base em teorias (MARCONI; LAKATOS, 2022, p. 295) ”.

Portanto, a presente pesquisa configura-se como um estudo de caso, no qual analisa-se a influência do *Environmental, Social and Governance* (ESG) em duas empresas de capital aberto, do setor financeiro, listadas na B3. Acerca dos benefícios dessa modalidade de investigação criada na Universidade de Harvard, Michel (2015) afirma que o estudo de caso apresenta a vantagem do pesquisador adentrar na realidade social, o que não seria possível através de um método puramente quantitativo.

Porém, como todo método, apresenta suas limitações, as conclusões extraídas por meio dele não podem ser generalizadas, por conta de que o método do estudo de caso trata de resultados contextuais, contingenciais, muito específicos em relação ao que é estudado. Sendo um retrato muito específico da realidade, ou seja, um corte histórico temporal do fenômeno em análise (MICHEL, 2015).

Sua importância reside no fato de que o seu estudo gera não apenas competência teórica para análise crítica e qualitativa de uma situação, mas, também, cria uma referência de atuação, um modelo a seguir em situações futuras, quando os mesmos elementos de análise se fizerem presentes (MICHEL, 2015, p. 65).

Dessa forma, por ser o estudo de caso uma modalidade de representação de pesquisa tradicionalmente aceita no âmbito da abordagem qualitativa (MARCONI; LAKATOS, 2022).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a listagem das empresas do setor financeiro que compõem o ISE B3, foram sorteadas aleatoriamente duas companhias para servirem como objeto desse estudo. A primeira foi o banco **BTG Pactual** e a segunda, o banco **Santander Brasil**.

Conforme a metodologia do índice, as informações de ranqueamento dos dois bancos em questão, assim como das demais empresas participantes do índice, representam apenas um indicativo dos compromissos e práticas das empresas que respondem ao questionário auto declaratório aplicado durante o processo de admissibilidade.

Por esse motivo, há que se atentar para as seguintes categorias conforme o manual da plataforma (“orientacoes-gerais-de-uso.pdf”, [s.d.]):

a) Score ISE B3: é a avaliação utilizada no processo de ranqueamento e seleção para a carteira. É o resultado do Fator Quali sobre o Score-base, com o objetivo de atenuar distorções na avaliação quantitativa das empresas;

b) Ranking: indica, com base no Score ISE B3, a posição da emissora em relação às demais participantes do processo seletivo;

c) Status de inclusão na carteira: indica se a emissora satisfaz todos os critérios de inclusão na carteira, conforme metodologia específica do ISE B3;

d) Score-base: trata-se de uma informação baseada exclusivamente nas respostas auto declaratórias das empresas, sem nenhuma influência de terceiros ou avaliação qualitativa do ISE B3;

e) Fator Quali: reflete a qualidade das evidências apresentadas pelas respondentes vinculadas à emissora, apuradas conforme empenho da equipe técnica do ISE B3;

f) Empresa vs benchmark: realiza a comparabilidade entre o Score ISE B3 da empresa selecionada e o desempenho agregado das demais empresas participantes do índice;

Embora exista a necessidade de apresentação de determinados documentos para embasar os questionários, a B3 não realiza auditorias nas empresas respondentes, figurando as mesmas como as principais responsáveis pelas informações prestadas.

Outro ponto de atenção consiste na informação de que o ISE B3 se configura como um índice para fins exclusivamente informativo, não se constituindo como mecanismo de *rating* ou método de avaliação de risco das empresas listadas.

Os dados públicos utilizados nessa pesquisa, estão dispostos na plataforma “*ESG Workspace*”, mantida pela própria B3 e alimentada com as informações advindas dos questionários remetidos pelas próprias empresas.

Tabela 04 – Desempenho relativo do Banco BTG Pactual

Empresa	Score ISE B3 0 – 100	Performance Relativa	Desempenho Consolidado		
			Indicador	Valor	Ano-base
BTG Pactual (BPAC) Setor Financeiro	76	17º	Carteira ISE B3	Sim	Jan/2022
			Score Base	75.54	2021
			Fator Quali	1.00	2021
			Score ISE B3	75.54	2021

Fonte: Elaboração própria. Com base nos dados obtidos na plataforma ESG Workspace (Acesso: 03 mai. 2022)

Tabela 05 – Desempenho por dimensão, pelo Score-Base

Dimensão	Score-Base
Capital Humano	58.75
Governança Corporativa e Alta Gestão	81.48
Modelo de Negócios e Inovação	79.30
Capital social	83.22
Meio Ambiente	79.09
CDP	71.40

Fonte: Elaboração própria. Com base nos dados obtidos na plataforma ESG Workspace (Acesso: 03 mai. 2022)

Tabela 06 – Ranking geral

Posição	Score ISE B3	Empresa
1	90.25	EDP ENERGIAS DO BRASIL S.A
2	85.13	LOJAS RENNER S.A
3	81.99	CPFL ENERGIA S.A
4	81.71	TELEFÔNICA BRASIL S.A
5	80.89	NATURA &CO HOLDING S.A
15	76.69	BRASKEM S.A
16	76.47	ECORODOVIAS INFRAESTRUTURA E LOGÍSTICA S.A
17	75.54	BANCO BTG PACTUAL
18	75.52	ITAÚSA S.A
19	74.74	AES BRASIL ENERGIA S.A

Fonte: Elaboração própria. Com base nos dados obtidos na plataforma ESG Workspace (Acesso: 03 mai. 2022)

No relatório intitulado “*Sustainable Financing Framework*” (2021) a companhia comunica sua visão acerca dos principais temas ESG. Conforme o documento, o comitê responsável pela estratégia de *Environmental, Social and Governance*, se reúne mensalmente com a presença do CEO, da presidência do Conselho de Diretores, bem como de outros *C-Levels*.

O comitê possui a responsabilidade de apoiar o Conselho de Administradores no cumprimento de suas responsabilidades relativas às estratégias, políticas e melhores práticas relacionadas ao meio ambiente e riscos sociais, assim como no desenvolvimento de estratégias de gestão de riscos climáticos (incluído de natureza física e de transição), riscos ambientais e sociais, com o objetivo de garantir que as ações do banco estejam em conformidade com as questões ESG e *compliance* ambiental. Fonte: Site ESG da instituição. Acesso: 03 mai. 2022.

Em relação a avaliação de materialidade e o compromisso com as finanças sustentáveis, em 2021 o BTG Pactual conduziu um profundo processo de análise de materialidade com foco em sustentabilidade, para entender os riscos e oportunidades nessa área, em um processo que envolveu o engajamento de 1.492 pessoas representando os principais *stakeholders*, de especialistas em finanças e problemas ambientais a investidores, fornecedores, clientes e membros do Conselho de Administradores do BTG.

Essa iniciativa ajudou a companhia a identificar as questões de ESG mais materiais para o banco, com potencial para influenciar as estratégias de sustentabilidade e apoiar um melhor alinhamento das ações com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Como resultado desse processo de materialidade e baseado no *Global Report Initiative Standards (GRI)*, o banco elegeu 6 temas de sustentabilidade prioritários. Para cada tema principal, o BTG incluiu a relação com o ODS correspondente, e qual seu possível impacto.

Tabela 07 – Estratégia ODS do BTG Pactual

TEMA	ODS
Conduta Ética	16 – Paz, justiça e instituições eficazes;
Capital humano/pessoas	4 – Educação de qualidade; 5 – Igualdade de gênero;
Investimento responsável	5 – Educação de qualidade; 8 – Trabalho decente e crescimento econômico; 10 – Redução das desigualdades 12 – Consumo e produção responsáveis; 15 – Vida terrestre;
Inovação e digitalização	8 – Trabalho decente e crescimento econômico; 9 – Indústria, inovação e infraestrutura;
Inclusão socioeconômica	4 – Educação de qualidade; 8 – Trabalho decente e crescimento econômico; 9 – Indústria, inovação e infraestrutura;
Ecoeficiência e clima	12 – Consumo e produção responsáveis; 13 – Ação contra a mudança global do clima; 15 – Vida terrestre;

Fonte: Elaboração própria, com base no “*Sustainable Financing Framework*” (2021)

Além de signatário do pacto da ONU, o BTG é signatário do Pacto Empresarial Brasileiro pela integridade e contra a corrupção, que se dedica no desenvolvimento de ações de erradicação do suborno e corrupção.

Tabela 08 – Desempenho relativo do Banco Santander Brasil

Empresa	Score ISE B3 0 – 100	Performance Relativa	Desempenho Consolidado		
			Indicador	Valor	Ano-base
Santander Brasil (SANB)	71	32°	Carteira ISE B3	Sim	Jan/2022
Setor Financeiro			Score Base	70.56	2021
			Fator Quali	1.00	2021
			Score ISE B3	70.56	2021

Fonte: Elaboração própria. Com base nos dados obtidos na plataforma ESG Workspace (Acesso: 03 mai. 2022).

Tabela 09 – Desempenho por dimensão, pelo Score-Base

Dimensão	Score-Base
Capital Humano	51.47
Governança Corporativa e Alta Gestão	85.75
Modelo de Negócios e Inovação	64.66
Capital social	73.28
Meio Ambiente	76.82
CDP	71.40

Fonte: Elaboração própria. Com base nos dados obtidos na plataforma ESG Workspace (Acesso: 03 mai. 2022).

Tabela 10 – Ranking geral

Posição	Score ISE B3	Empresa
1	90.25	EDP ENERGIAS DO BRASIL S.A
2	85.13	LOJAS RENNER S.A
3	81.99	CPFL ENERGIA S.A
4	81.71	TELEFÔNICA BRASIL S.A
5	80.89	NATURA &CO HOLDING S.A
30	71.12	RUMO S.A
31	70.62	MOVIDA PARTICIPAÇÕES S.A
32	70.56	BANCO SANTANDER BRASIL S.A
33	69.87	M. DIAS BRANCO S.A IND COM DE ALIMENTOS
34	69.23	MARFRIG GLOBAL FOODS S.A

Fonte: Elaboração própria. Com base nos dados obtidos na plataforma ESG Workspace (Acesso: 03 mai. 2022).

Em 2020 o Banco Santander Brasil divulgou o “Caderno de Indicadores de Sustentabilidade”, por meio do qual comunica o prosseguimento de suas ações estratégicas baseadas em três pilares: 1. Uso estratégico do capital natural; 2. Economia resiliente e inclusiva; 3. Desenvolvimento de potenciais.

Através da sua matriz de materialidade, a companhia procura estabelecer o alinhamento das suas ações com as expectativas dos *stakeholders* naquilo que concerne os interesses mais relevantes para os negócios do banco (Tabela 11).

Em 2018 o Santander desenvolveu sua própria metodologia fundamentada na combinação da GRI Standards com métodos utilizados pelo próprio Grupo Santander juntamente com uma categorização matemática. Além de orientar as ações de ESG do banco, a matriz de materialidade também é utilizada como instrumento no processo de priorização dos ODS mais relevantes para o negócio, conforme Tabela 12.

Tabela 11 – Público estratégico e principal meio de diálogo.

<i>STAKEHOLDERS</i>	<i>CANAL DE DIÁLOGO</i>	<i>FREQUÊNCIA</i>
Colaboradores	Canal aberto	Contínua
	Pesquisa de engajamento	Anual
	Café com Rial	Mensal
Clientes	SAC	Contínua
	Ouvidoria	Contínua
	Redes Sociais	Contínua
Acionistas e investidores	Reuniões e encontros	Contínua
	Atendimento às agências de <i>Rating</i> ASG (ambiental, social e governança) e índices de mercado.	Contínua
Sociedade	Página de fornecedores no <i>website</i> do banco.	Contínua
	Portal de sustentabilidade	Contínua
	Participação em grupos de trabalhos externos.	Contínua

Fonte: Elaboração própria. Com base no relatório “Caderno de indicadores de Sustentabilidade” (Acesso: 05 mai. 2022).

Em relação à estratégia ODS, o banco Santander Brasil reporta através do seu “Caderno de indicadores de Sustentabilidade (2020)” o exposto na Tabela 12:

Tabela 12 – Estratégia ODS do Banco Santander Brasil.

TEMA	ODS
Uso estratégico do capital natural	02 – Fome zero e agricultura sustentável; 06 – Água potável e saneamento; 07 - Energia limpa e acessível; 13 – Ação contra a mudança global do clima; 15 – Vida terrestre;
Economia resiliente e inclusiva	01 – Erradicação da pobreza; 08 – Trabalho decente e crescimento econômico; 09 - Indústria, inovação e infraestrutura; 11 – Cidades e comunidades sustentáveis; 12 – Consumo e produção sustentáveis; 16 – Justiça, paz e instituições eficazes;
Desenvolvimento de potenciais	03 – Saúde e bem estar; 04 – Educação de qualidade; 05 – Igualdade de gênero; 08 – Trabalho decente e crescimento econômico; 10 – Redução das desigualdades; 17 – Parcerias e meio de implementação;

Fonte: Elaboração própria. Com base no relatório “Caderno de indicadores de Sustentabilidade” (Acesso: 05 mai. 2022).

Com base nas informações apresentadas acerca das duas companhias, objetos desse estudo, podemos identificar que se tratam de duas empresas emergentes em termos de implantação de estratégias ESG.

Por se tratar de uma tendência relativamente nova no mercado brasileiro, os negócios ainda precisam de tempo para integrarem essa nova dinâmica, para de fato apresentarem

resultados mais consistentes, evitando cair no *green washing*, que consiste na prática de algumas empresas que focam muito no marketing sustentável, mas que em termos práticos, apresentam baixo desempenho na execução das estratégias ESG (PARGUEL; BENOÎT-MOREAU; LARCENEUX, 2011).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da tendência mundial do ESG, observa-se que os negócios se organizam para implementar estratégias que conduzam à eficiência sustentável. Isso representa uma nova fase para a economia planetária.

No Brasil, essas questões ainda estão em fase de integração, sendo a existência do Índice de Sustentabilidade Empresarial da Bolsa brasileira (ISE B3), um importante passo, o qual indica uma tendência exponencial na transformação dos negócios, e que possui potencial de revolucionar completamente as bases econômicas que orientaram os negócios corporativos até os dias atuais.

Os dados das duas companhias objetos da investigação indicaram ser estas, empresas ainda emergentes em relação à implementação do ESG em suas estratégias. Contudo, esta parece ser uma característica peculiar às empresas do setor financeiro, que integram o ISE B3.

Frente aos limites dessa investigação e diante da complexidade do tema abordado, essa pesquisa oportuniza a continuidade dos estudos na tentativa de compreender como a contabilidade ambiental mensura as dimensões de materialidade ESG; Qual o grau de adicionalidade proporcionado pelas ações de sustentabilidade das companhias; Como a contabilidade ambiental se conecta com os Sistemas de Gestão Ambiental; Qual a relação entre ESG, transparência e valor de firma (*Firm Value*); Como as agências de *rating* refletem a eficiência ESG na classificação de risco das empresas; Como o *Big Data* e a inteligência artificial podem revolucionar a gestão ESG e por fim, como a valoração econômica de negócios de impacto pode influenciar a contabilidade ambiental das companhias.

Os resultados desse estudo auxiliam na compreensão de como as tendências em matéria de ESG se conectam com a inovação, tecnologia, eficiência, desempenho financeiro, ambiental e social nas camadas internas e externas relacionadas às empresas de capital aberto, em sua atividade de gestão de partes interessadas.

6 REFERÊNCIAS

B3, B., Bolsa e Balcão. **Using Big Data and Artificial Intelligence to Assess Corporate Perform on ESG Issues.**, 2019a. Disponível em: <https://iseb3-site.s3.amazonaws.com/Usando_Big_Data_-_2019.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2022

B3, B., Bolsa e Balcão. **A experiência do ISE B3 na Agenda 2030 e nos ODS.**, 2019b. Disponível em: <https://iseb3-site.s3.amazonaws.com/ISEB3_e_Agenda2030-pdf.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2022

CASARIN, H. DE C. S.; BARBOSA DE PAULO, R. Uso seguro da informação: uma análise na base de dados SCOPUS. **Palavra Chave**, v. 9, no 2, abr. 2020.

CUESTA, M. DE LA; VALOR, C. Evaluation of the environmental, social and governance information disclosed by Spanish listed companies. **Social Responsibility Journal**, 31 mai 2013.

ELKINGTON, J. **Cannibals with Forks: The triple bottom line of 21st century business.** Oxford: Capstone, 1997.

FERRERO-FERRERO, I.; FERNÁNDEZ-IZQUIERDO, M. Á.; MUÑOZ-TORRES, M. J. The Effect of Environmental, Social and Governance Consistency on Economic Results. **Sustainability**, v. 8, n. 10, p. 1005, out. 2016.

GUIMARÃES, E. F.; ROVER, S.; FERREIRA, D. D. M. A participação no índice de sustentabilidade empresarial (ISE): Uma comparação do desempenho financeiro de bancos participantes e não participantes da carteira1. **Enfoque: Reflexão Contábil**, v. 37, n. 1, p. 147–164, 1 jan. 2018.

LOKUWADUGE, C. S. D. S.; HEENETIGALA, K. Integrating Environmental, Social and Governance (ESG) Disclosure for a Sustainable Development: An Australian Study. **Business Strategy and the Environment**, v. 26, n. 4, p. 438–450, 1 maio 2017.

MACHADO, M. A. V. et al. Análise da relação entre investimentos socioambientais e a inclusão de empresas no Índice de Sustentabilidade Empresarial - (ISE) da BM&FBovespa. **Revista de Ciências da Administração**, p. 141–156, 26 abr. 2012.

MARCONI, M. DE A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. São Paulo: Grupo GEN, 2022.

MICHEL, M. H. **Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 2015.

MIRALLES-QUIRÓS, M. M.; MIRALLES-QUIRÓS, J. L.; VALENTE GONÇALVES, L. M. The Value Relevance of Environmental, Social, and Governance Performance: The Brazilian Case. **Sustainability**, v. 10, n. 3, p. 574, mar. 2018.

MODUGU, K. P. Do corporate characteristics improve sustainability disclosure? Evidence from the UAE. **International Journal of Business Performance Management**, v. 21, n. 1/2, p. 39–54, 2020.

MORAES, L. L. DE; KAFURE, I. Bibliometria e ciência de dados: um exemplo de busca e análise de dados da Web of Science (WoS). **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 18, p. e020016–e020016, 21 jun. 2020.

NETO, S. DE M.; PEREIRA, M.; MORITZ, G. DE O. Novo capitalismo: Criação de valor compartilhado e responsabilidade social empresarial. **Revista Pretexto**, v. 13, n. 3 (julho/setembro), p. 2, 2012.

NORVIG, P. **Inteligência Artificial**. São Paulo: Grupo GEN, 2013.

orientacoes-gerais-de-uso.pdf, [s.d.]. Disponível em: <<https://esg-workspace.herokuapp.com/documents/orientacoes-gerais-de-uso.pdf>>. Acesso: 3 maio. 2022

PACASSA, F.; MAZZIONI, S.; MAGRO, C. B. D. Influência de fatores exógenos e endógenos e da evidenciação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no desempenho de companhias abertas. **Contabilidad y Negocios**, v. 16, n. 32, p. 60–77, 2021.

PARGUEL, B.; BENOÎT-MOREAU, F.; LARCENEUX, F. How Sustainability Ratings Might Deter ‘Greenwashing’: A Closer Look at Ethical Corporate Communication. **Journal of Business Ethics**, v. 102, n. 1, p. 15, 22 jun. 2011.

SCHIO, N. DA S. et al. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e as empresas participantes do mercado acionário brasileiro. Congresso USP. p. 20, 2019.

SHAKIL, M. H. Environmental, social and governance performance and financial risk: Moderating role of ESG controversies and board gender diversity. **Resources Policy**, v. 72, p. 102144, 1 ago. 2021.

SILVA, B. S. D. et al. AÇÕES ADOTADAS PELAS EMPRESAS DA B3 ALINHADAS COM OS 17 OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (ODS): UMA ANÁLISE DOS RELATÓRIOS DE SUSTENTABILIDADE. **Revista Mineira de Contabilidade**, v. 22, n. 2, p. 37–50, 20 ago. 2021.

VERONEZE, S. et al. Responsabilidade Social Corporativa e Adesão aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. **Revista de Administração IMED**, v. 11, n. 1, p. 113–137, 21 dez. 2021.

YU, E. P.; GUO, C. Q.; LUU, B. V. Environmental, social and governance transparency and firm value. **Business Strategy and the Environment**, v. 27, n. 7, p. 987–1004, 1 nov. 2018.